

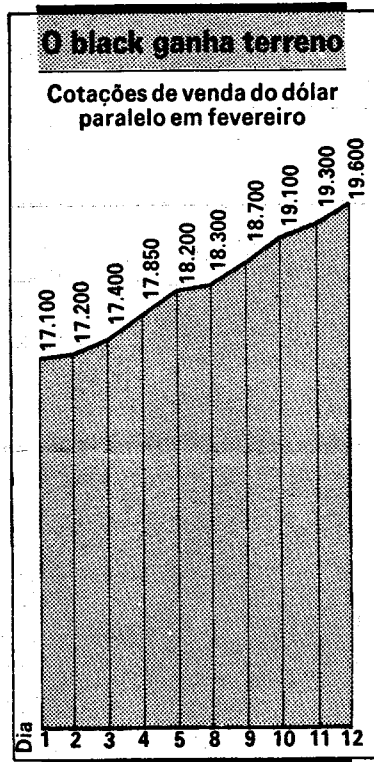
Alta do dólar reflete desconfiança do investidor no plano econômico

ANGELO PAVINI

Depois da baixa em janeiro, quando sua variação limitou-se a 15,75%, e de um início de mês calmo, o dólar no paralelo voltou a mostrar força na semana passada. Em pouco mais de cinco dias, o black subiu 7,69% com o ágio chegando a 9,34% e obrigando o Banco Central (BC) a intervir no mercado. A pressão maior sobre o paralelo vem do dólar flutuante ou turismo, negociado entre bancos, e que acaba tendo contato com os mercados ilegais. Por esse mercado, muitas empresas estão enviando dólares ao Exterior, o que aumenta a procura pela moeda e seus preços.

Começam a crescer também as remessas de empresas e pessoas pelo dólar cabo, das grandes operações, acima de US\$ 50 mil. Esse comportamento reflete uma maior desconfiança dos investidores com relação aos rumos da economia, principalmente quando o governo fala em planos para combater a inflação. Há ainda o receio com relação ao recadastramento dos CPF e a criação do IPMF, que poderá se tornar uma forma de quebra de sigilo das contas.

O aumento do dólar no paralelo é fruto, em boa parte, do retorno dos dólares trazidos ao País em meados de janeiro, quando as aplicações em renda fixa, como cadernetas de poupança, CDBs e fundos de commodities pagaram taxas nominais extremamente altas, em torno dos 33%, afirma o economista e consultor Paulo Possas. Segundo ele, essas operações, chamadas de catracas, inundaram o mercado de dólares, o que



derrubou os preços da moeda norte-americana e o ágio. Agora, com a queda das taxas nominais das aplicações em renda fixa, por causa do ganho diário menor em março, o dinheiro começa a voltar. "Há ainda a alta da inflação, que dificulta ao investidor saber se terá ou não ganho real ao aplicar em um CDB, por exemplo", afirma Possas. Na dúvida, o dinheiro acaba indo para o dólar. Possas acredita que o movimento de alta deverá se tornar mais forte nesta sema-

na, uma vez que vencem as aplicações de maior rendimento feitas no mês passado, justamente em uma fase em que as taxas nominais estão mais baixas. "O Banco Central vai ter de vender bastante dólar flutuante para deixar o ágio em 10%", disse.

Muito dinheiro entrou no País em janeiro para ser aplicado em renda fixa, afirma Alberto Alves Sobrinho, diretor da Corretora Fair. Parte desses dólares entraram legalmente, pelo anexo 4, que permite movimentos rápidos de entrada e saída de capitais e que possibilita aplicações em fundos de commodities e renda fixa. Outra parte veio do grande número de turistas, principalmente argentinos. Agora, começa o movimento contrário, de retorno do dinheiro. Há também especulação com o plano antiinflação do governo, que acaba aumentando a procura por parte dos investidores que tentam proteger parte de seu patrimônio. Mas Alves Sobrinho acredita que o ágio não passará dos 10%, uma vez que o BC tem US\$ 20 bilhões para segurar o mercado.

A tranquilidade do Banco Central é reforçada pela entrada constante de dólares para o País, via comércio exterior pelo câmbio comercial. No mês, até dia 11, já haviam ingressado US\$ 1,2 bilhão em exportações, vendidas antecipadamente pelos exportadores, mais US\$ 557 milhões de investimentos estrangeiros. Descontados US\$ 522 milhões de importações e US\$ 574 milhões de remessas de dívidas, sobram para o País US\$ 725 milhões, quantia mais que suficiente para garantir o controle do black.